

Prefácio à edição brasileira

É desnecessário dizer que, no Brasil, como em toda parte, a segurança vem ganhando mais relevância do que nunca. As imagens que deram a volta ao mundo dos eventos da Samarco (2015) e de Brumadinho (2019) ecoam eventos catastróficos em outros países e indústrias, como os acidentes do 737 Max da empresa americana Boeing (2018-2019), o colapso do viaduto de Gênova na Itália (2018) ou o incêndio na Torre Grenfell em Londres (2017). Esses eventos nos lembram como a segurança nunca pode ser considerada absolutamente garantida, sendo sempre o resultado de muitas interações entre artefatos, atores, instituições e ecossistemas em um contexto globalizado que requer uma renovação de nossas estruturas de pensamento sobre segurança.

A tese do livro *Trinta anos de acidentes: a nova face dos riscos sociotecnológicos* é que a renovação dessas estruturas pode se beneficiar de uma pesquisa interdisciplinar. Por muitos anos, a interdisciplinaridade tem sido promovida como fonte de inovação na forma como abordamos problemas complexos e construímos pontos de vista que nos ajudam a pensar e agir. Essa atitude se aplica perfeitamente à segurança, que não é o terreno exclusivo de uma única disciplina. Assim, o livro *Trinta anos de acidentes* se coloca precisamente na interdisciplinaridade, almejando várias ambições:

- Estabelecer a segurança como um tema de pesquisa de pleno direito, receptora de contribuições de diversas disciplinas (história, filosofia, sociologia, ergonomia, psicologia, ciência política, administração, direito), mas também com autonomia em torno de questões específicas, como a avaliação de forma interdisciplinar que integra e amplia as principais tendências atuais.

- Contextualizar historicamente a questão da segurança, mostrando a importância de levar em consideração cada época e como ela molda necessariamente o entorno das empresas e dos regulamentos e, portanto, da segurança (que na época atual está marcada pela globalização, digitalização e mudanças climáticas).
- Encontrar uma posição que permita navegar, por um lado, pelo “obscuro” das empresas que nos é revelado de tempos em tempos por desastres e, por outro lado, por sua face mais positiva, das capacidades coletivas que lhes permitem produzir com segurança.
- Reunir tradições de pesquisa de expressão francesa nas ciências humanas e sociais (psicologia ocupacional, ergonomia em língua francesa, sociologia das organizações, políticas públicas) e tradições anglo-saxônicas de pesquisa (fatores humanos, engenharia cognitiva, segurança dos sistemas, organizações de alta confiabilidade, regimes de regulação, sociologia da segurança), procurando aproveitar essas diferentes fontes de inspiração no que elas têm de complementares, mas às vezes também alternativas.
- Afirmar e mostrar que se deve pensar na segurança, simultaneamente, como uma combinação de realidade técnica, prática, cognitiva, organizacional, estratégica, regulatória e doravante ecológica também, a fim de compreender plenamente a complexidade do problema e avançar em direção a novas capacidades descritivas e teóricas que incluam a busca por uma posição performativa, prescritiva e normativa, ou seja, uma orientação que questione as interações entre a “teoria de” e a “teoria para”.
- Entrar por meio de uma pesquisa etnográfica na matéria empírica de situações sempre contingentes, localizadas e específicas das interações entre artefatos, atores e instituições, aceitando a complexidade e ao mesmo tempo procurando posicionar-se com base em dados ancorados e evoluções conceituais adaptadas, problematizando as relações entre os níveis micro, meso e macro.
- Pensar sobre essa complexidade tirando proveito do legado de Edgar Morin, autor francês cujo trabalho é especialmente bem recebido na América Latina. Essa abordagem da complexidade difere de outras concepções bem conhecidas no campo da segurança, como as de Perrow (sociologia), Rasmussen (engenharia cognitiva) e todos aqueles que foram inspirados por eles.

- Dar protagonismo à dimensão visual das práticas e pesquisas na área de segurança. A ciência, nossas ideias e a cognição em geral se apoiam no uso de desenhos, diagramas e outras visualizações cujas mudanças, no campo da segurança, refletem a evolução dos tempos e da compreensão dos fenômenos. O campo de pesquisa sobre segurança tem se desenvolvido com apoio em visualizações emblemáticas nas décadas de 1980 e 1990, como o modelo do queijo suíço de James Reason ou ainda o modelo da migração de Jens Rasmussen. Novas visualizações são necessárias.

O objetivo desta obra, programática, é tentar conciliar todas essas ambições. Essa tarefa emocionante só pode ser pensada a médio e a longo prazo, na alternância entre iniciativas de pesquisa e editoriais individuais e coletivas, entre abordagens pragmáticas, empíricas no campo, e teóricas, entre disciplinas e indisciplinas, entre ação e reflexão, entre o estudo dos acidentes e o estudo do cotidiano nas empresas... Assim, este livro é um companheiro de cinco outros livros: *Réactions à risque: regards croisés sur la sécurité dans la chimie* (2014) (com Michèle Dupré); *Safety science research: evolution, challenges and new directions* (2019); *Post normal accident: revisiting Perrow's classic* (2020); *Visualising safety* (no prelo) (com Teemu Reiman) e *Des usines, des matières et des hommes* (2021) (com Michèle Dupré). Todos esses livros, à sua maneira, perseguem esse objetivo e constituem etapas sucessivas de um programa que pretende contribuir para uma melhor compreensão da segurança.

Sou muito grato a Sandra Beltran e a Amanda Silva por organizar a tradução.

Jean-Christophe Le Coze, abril de 2021

